Uma Análise Psicanalítica da Ressignificação da Vida Através da Morte

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo compreender o significado da vida a partir da perspectiva da morte, propondo uma reflexão acerca da ressignificação da existência diante da finitude humana. Parte-se do pressuposto de que a morte, enquanto evento inevitável, mobiliza processos psíquicos complexos que atravessam não apenas a ideia de abolição da existência, mas também a perda do objeto de amor, conforme discutido por Freud (1917).

De acordo com Freud (1915), a morte tende a ser posta a um segundo plano na experiência humana, em função da falta de conhecimento sobre a mesma e a crença inconsciente de imortalidade,devido o caráter atemporal inconsciente,impedindo o sujeito de reconhecer a morte como parte constitutiva da vida. Nesse contexto, a morte é frequentemente percebida como um evento trágico e evitável, somente diante da perda de entes queridos é reconhecida de forma mais concreta.

Dessa forma, este estudo propõe discutir o morrer enquanto experiência subjetiva e a morte como destino, analisando os impactos da sua negação na construção do sentido da vida.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo teórico de abordagem psicanalítica, fundamentado principalmente na obra de Sigmund Freud, articulada a contribuições de autores contemporâneos que discutem a temática da morte e do morrer.

Foram analisados conceitos centrais da teoria psicanalítica, tais como: primeira tópica freudiana (inconsciente, pré-consciente e consciente); mecanismos de defesa, com ênfase na repressão; narcisismo; luto e perda do objeto; além da angústia de castração como elemento estruturante do psiquismo. Foram abordados também aspectos como temporalidade, negação da morte e enfrentamento da finitude.

REVISÃO DE LITERATURA

Freud (1915) nos traz alguns conceitos que tornam possível a caracterização e separação das ideias em três novos campos: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente, no entanto, iremos focar nos conceitos do pré-consciente, local onde as ideias ainda tem fácil acesso a consciência e o inconsciente, onde as ideias passam pelo processo de repressão, não chegando a consciência.

Quando pensamos na morte, acreditamos seguir por dois caminhos; sendo o primeiro de sua conscientização, que é possível através da ideia presente no pré-consciente; E a ideia da negação presente no inconsciente, que age como um mecanismo de defesa psíquico caracterizado pela evitação de reconhecimento da realidade dolorosa, onde o Eu em uma tentativa de não entrar em contato com a sofrimento e angústia, recusa a realidade a sua frente, sendo assim, reprime o pensamento da finitude humana (FREUD, A., 1936). Compreendemos essa repressão para além do medo da morte do homem de forma isolada, mas a convicção da própria imortalidade, em função do Eu narcísico[1]. Ao colocar em segundo plano a ideia da “possível” morte e a negligência com a temporalidade, considerando a atemporalidade do inconsciente citado por Freud (1900), mesmo que não propositalmente, o Eu abdica da compreensão da vida. (Freud,1915)

Segundo Freud (1915), o homem desde a pré-história adotou uma forma de ver a morte, inicialmente marcada pela superioridade de dar essa morte ao outro, seu

[1] Não se trata do Transtorno de Personalidade Narcisista (TPN) no DSM-5.

inimigo ou o objeto de seu ódio, mas também uma visão irreal de sua morte. O confronto inevitável perante a morte dos seus, atravessou o homem onde enfim sentiu a dor da morte e a consciência da sua própria finitude, incapaz de sustentar a ideia e consequentemente a negando, assim nutre através de lembranças dos entes falecidos a falsa ideia de “vida após a morte” para negar o verdadeiro significado do morrer, sendo ele o fim.

Ressaltamos, portanto, a importância de trazer a conscientização, seja ele visto como ato heroico ou mórbido, do morrer (BECKERS, 1995). Só através disso podemos pensar em um novo significado para a vida além do medo de partir, mas uma oportunidade para apreciação e dedicação da libido necessária para vivências significativas para a própria existência.

A partir disso, vamos compreender a vida em busca de uma nova ressignificação para uma vida plena, a morte como fenômeno natural pode ser encarada em vida, mesmo que nos tornemos indefesos perante ela. Ainda que o heroísmo seja uma perspectiva valorizada em nossa cultura convencional, a admiração do ato heroico de encarar a morte de frente e a plena consciência da finitude exigem mais do que coragem quando aplicadas a nós mesmos, pois requerem também submissão e aceitação diante do desconhecido e do incontrolável (FREUD, 1915). É necessário considerar uma abordagem interessante sobre a análise da angústia interligada à possível perda de algo valioso, ou a chamada angústia de castração. Nesse contexto, o Eu nega a própria morte e redireciona o medo de ser castrado e a própria angústia para a rejeição, utilizando-a como um mecanismo de defesa (FREUD, 1926).

A angústia de castração, conforme Freud (1926), pode ser compreendida como um elemento fundamental nesse processo, que está relacionada à renúncia. Assim, a dificuldade em aceitar a morte pode ser compreendida como uma resistência em reconhecer a própria falta e a impossibilidade de controle absoluto. É necessário um reconhecimento dessa angústia através da simbolização do morrer, para assim o homem ser capaz de abrir mão do falo[2] e aceitar a castração, ou em outras palavras, ao reconhecer a proximidade da morte e aceitá-la, o sujeito passa a

[2] Falo simbólico: deixa de ser apenas uma parte do corpo (pênis) e passa a ser um signo de poder, presença e completude.

desejar mais a vida e vivê-la com maior intensidade. Isso nos permite assumir a crença irreal de onipotência frente a algo irredutível como a morte, nos permitindo dar um novo significado à vida e para as experiências (SANTOS, 2018).

Como afirma Arantes (2018), a percepção do morrer traz a consciência de que nada é nosso, essa reflexão traz uma perspectiva do ato de compreender a perda de controle, da temporalidade e do heroísmo na atividade humana. Perante essa afirmação, torna-se necessário uma conversa sobre a ideia da morte, a plena consciência da morte nos permite viver para além de arrependimentos, só assim seremos capazes de viver a vida cada dia como único e possivelmente o último, não se tratando de uma visão “mórbida”, mas de uma visão realista do percurso da temporalidade.

A vida que vai além do medo de errar, ou de não ter feito o suficiente em seu tempo, exige que encaramos a morte frente a frente, como em situações em que sujeitos em estado terminal que vivenciam em plena harmonia seus últimos dias; entretanto, é correto afirmar que nem todos chegaremos a fase terminal, momento crucial de ressignificação da própria vida. Portanto, estamos empenhados em ignorar a passagem do tempo, deixando de perceber o pensamento de que tudo passará, independentemente de qualquer interferência nossa, seja ela emocional, religiosa ou científica (ARANTES, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do conhecimento da nossa finitude humana, e da importância do viver agora, é o que vai nos levar a enxergar a morte como algo imutável, mas real; se permitindo viver uma vida sem uma culpa paralisante, como cita Klein (1921-1945), que leva o sujeito a uma reparação maníaca de ignorar e repetir o processo de negação. Propomos então uma nova atitude de aceitação do nosso ser, que ultrapasse o conceito do heroísmo de ser admirado ou ovacionado, uma desconstrução da ideia que não se adquire da noite ao dia, mas ao longo do tempo. Assim damos um novo significado tanto para a vida, quanto à morte, vivendo uma vida onde se busca alcançar a ideia de liberdade perante a morte (FREUD, 1915).

Por tanto, ressaltamos a importância da compreensão da morte como um processo natural e aceitável de aprendizagem e crescimento para uma vida intensa e plena como sugere a filosofia do budismo, cultivando sabedoria,responsabilidade, desconstrução e reconstrução constante do ser.

PALAVRAS-CHAVE: morte, finitude humana, psicanálise, subjetividade, existência, angústia, onipotência.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Ana Cláudia. **A Morte é um Dia Que Vale a Pena Viver**. [s.l.] Leya, 2018.

BECKER, E.; DO, C. **A negação da morte.** Rio De Janeiro: Record, 1995.

CARVALHO, Larissa. **O que o pensamento budista ensina sobre uma vida bem-sucedida.** C.B.Radar, 2026. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cbradar/o-que-o-pensamento-budista-ensina-sobre-uma-vida-bem-sucedida/>. Acesso em: 5 abr. 2026.

GONÇALVES, M. DE O. **Morte e castração: um estudo psicanalítico sobre a doença terminal infantil.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 21, n. 1, p. 30–41, mar. 2001.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. (Obra original publicada em 1936).

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929).** Obras Completas / 17. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 14-28.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917). In: FREUD, Sigmund. Obras completas. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916).** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 12, 2010. p. 96-109.

FREUD, Sigmund. **O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925).** Obras Completas / 16. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 14-38.

FREUD, Sigmund. **Tempos de guerra e de morte.** [s.l.] Nova Fronteira, 2021. p. 157-182.

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos: (1921-1945).** Tradução Rio de Janeiro: Imago,1996. p. 473-571. (Obras Completas de Melanie Klein, v. 1.)

SANTOS, R. DOS; MOHR, A. M. **A (de)vida angústia de morte: considerações a partir da filosofia e da psicanálise**. Natureza humana , v. 20, n. 1, p. 169–187, 2018.

SILVA, Larissa Silva. **7 ensinamentos de Buda para ter uma vida mais leve e tranquila.** Terra, 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/7-ensinamentos-de-buda-para-ter-uma-vida-mais-leve-e-tranquila,4d29883c2181afe85d28866892f9c20a0vtmcxip.html>. Acesso em: 5 abr. 2026.